

# Notas de uma guerra na Itália

## Jornalistas no front da FEB (1944-45)

*Helton Costa\**



Figura 1 – Correspondentes Brasileiros na 2<sup>a</sup> GM

Fonte: Arquivo Nacional

### Introdução

**A** II Guerra Mundial foi um dos eventos de maior proporção na história da humanidade, com quase 50 milhões de mortos.<sup>1</sup> O jornalismo se fez presente para registrar as tragédias humanas, os atos de heroísmo e covardia, as bestialidades praticadas em nome da civilização e como uma testemunha de tudo aquilo que o homem é capaz de ser e transformar-se para conquistar ou manter o poder.

Os brasileiros mandaram uma divisão para a guerra e, junto dela, onze correspondentes fixos, de jornalistas de redações da

época que tiveram como missão mostrar o melhor dos expedicionários. Seria a história do homem simples e não somente dos oficiais que estaria estampada nos textos dos principais jornais da época.

### A guerra, a FEB e o correspondente

Eric Hobsbawm (1995, p.6) defende a II Guerra como a continuação da Primeira Guerra, aquela em que aconteceu o “colapso da civilização ocidental”.

Tratava-se de uma civilização capitalista na economia; liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua

\* Doutor em Comunicação (Universidade Tuiuti do Paraná), com estágio pós-doutoral em História (UFPR) e coordenador do curso de Jornalismo da Faculdade Secal. ([helton.costa@secal.edu.br](mailto:helton.costa@secal.edu.br))

---

classe hegemônica característica; exultante com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com o progresso material e moral. (HOBSBAWN, 1995, p.6)

De fato, na década de 30, o pensamento europeu era declarado superior, as democracias eram poucas e houve a ascensão do autoritarismo de cunho fascista. Benito Mussolini, em 1926 na Itália, e Adolf Hitler, em 1933 na Alemanha, seriam os maiores expoentes desse autoritarismo, que tomava conta do continente. “Não é fácil discernir, depois de 1933, o que os vários tipos de fascismo tinham em comum, além de um senso geral de hegemonia alemã” (HOBSBAWN, 1995, p.115). Em comum, as correntes compartilhavam o nacionalismo, o anticomunismo e o antiliberalismo. A violência de rua também poderia ser uma substituta da política.

No Brasil, desde 1930, Getúlio Vargas estava no poder e, a partir de 1937, também se converteu em um político com sérias tendências ao autoritarismo, quando foi declarado o Estado Novo, descrito hoje como uma ditadura (CAPELATO, 2001, p.183-87).

No tabuleiro internacional, as primeiras peças que levariam o mundo à guerra começaram a ser mexidas quando o Japão começou uma expansão rumo à Manchúria e a Xangai, territórios chineses. Na Alemanha, Hitler assumiu o poder e ajudou a depor o governo austríaco, descumpriu tratados de paz da I Guerra Mundial e invadiu a região francesa da Renânia em 1936 (BLAINEY, 2008, p.171). A Itália invadiu a Etiópia em 1936-37, e alemães e italianos se uniram em apoio ao Governo Central espanhol, comandado por Franco, na Guerra Civil Espanhola. Em 1938, os japoneses declararam guerra à China, e os alemães anexaram a Áustria. Em

setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia com um pacto com os soviéticos, e assim começou a II Guerra Mundial (BLAINEY, 2008, p.168).

Demoraria cinco anos para que os Aliados vencessem de vez a II Guerra Mundial, primeiro na Europa, em 8 de maio de 1945, e depois no Pacífico com as bombas atômicas de agosto de 1945, em Hiroshima e Nagasaki.

### ***O Brasil vai à guerra***

No início dos conflitos, o Brasil se manteve neutro. Até 1942, o país não se havia aliado a nenhum dos lados combatentes, ainda que tivesse relações comerciais e acordos militares com os Estados Unidos, que, até antes de 7 de dezembro de 1941, também estava neutro na batalha (XAVIER DA SILVEIRA, 1989, p.34-42).

Porém, com os japoneses expandindo cada vez mais seus domínios, o embate com os americanos se tornou inevitável, e aconteceu Pearl Harbour. Por conta de acordos assumidos antes do ataque, em que os participantes se faziam solidários em caso de agressões de outros países aos membros do continente americano, o Brasil precisou tomar partido e ingressou ao lado dos Aliados.

Em janeiro de 1942, na Conferência de Chanceleres do Rio de Janeiro, o Brasil rompeu relações com os países do Eixo. Planos de defesa mútuos entre Brasil e Estados Unidos vigoravam desde 1939 e, em 1942, foram reafirmados.

Em seguida veio a relação dos países do Eixo, com torpedeamentos de navios brasileiros comerciais, que até o final da guerra chegaria a 32, causando 972 mortes, sendo 470 de marinheiros e 502 de passageiros (XAVIER DA SILVEIRA, 1989, p.40).

## **Força Expedicionária Brasileira**

A partir de 1943, o Governo começou a organização da Força Expedicionária Brasileira – FEB, e nos quartéis soldados foram impedidos de dar baixa e outros foram reconvocados da reserva. Também surgiram alguns voluntários. Pilotos foram mandados para treinar nos Estados Unidos, e a Marinha do Brasil atuava em conjunto com forças Aliadas para evitar novos ataques nas costas brasileiras. Ao final da organização da FEB, seriam juntados aproximadamente 25 mil soldados, que seriam divididos em cinco escalões e mandados para combater na Europa, mais precisamente na Itália. Desse total, pouco mais da metade seria empregada no front. O restante ficou nos serviços de apoio da retaguarda.

Com a necessidade de tropas americanas para a consolidação de posições na França, onde ocorreu o dia D em junho de 1944, o V Exército dos Estados Unidos, que vinha lutando na Itália, precisava de novos combatentes. Havia avançado para o norte da Itália e estavam estacionados nas proximidades de Pisa/Firenze (Florença). Ali os brasileiros foram colocados. Primeiro para os lados do rio Serchio para um período de adaptação e depois no Reno italiano. (XAVIER DA SILVEIRA, 1989, p.222)

Foram 239 dias de ação na Itália, e nesse período a FEB fez mais de 20 mil prisioneiros alemães, tendo enfrentado baixas de 451 soldados mortos e aproximadamente 1,6 mil feridos, acidentados e desaparecidos em combate. Outros oito mil soldados ficaram doentes por conta das baixas temperaturas.<sup>2</sup>

Ao fim do conflito, contudo, a FEB estava à altura das divisões dos demais exércitos aliados de diferentes nações que com ela

lutaram os últimos anos da Campanha da Itália na Segunda Guerra Mundial. (OLIVEIRA, 2015, p.41)

## **Correspondentes de guerra, uma história**

A obra mais importante sobre os correspondentes de guerra é o livro A primeira vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã, escrita pelo jornalista Philip Knightley.<sup>3</sup> Em 1978, ele se propôs fazer essa cronologia contando sobre a função que alguns entre nós jornalistas assumimos em tempos de guerra.

Conforme Knightley (1978), o primeiro correspondente de guerra nos moldes que hoje são conhecidos foi Howard Russel, irlandês que fazia notícias do seu país e que, com prestígio, foi mandado para a Guerra da Crimeia para relatar os fatos das lutas entre ingleses e russos. Russel inovou para a época e ficou junto da tropa. Seu jornal era o The Times, que, por décadas, seria o principal meio de comunicação de guerra do Reino Unido. O ano era 1854 (KNIGHTLEY, 1978, p.9-15).

O problema era que, por estar junto ao Exército, as notícias acabavam por se limitar a declarações oficiais e/ou podiam ser censuradas. A cobertura era bastante falha. Outros dois nomes dessa época são James Robertson (inglês) e Charles Langlois (francês). Mesmo assim, o The Times era crítico à forma como a guerra estava sendo conduzida. No final, quando os ingleses perderam, sobrou para os jornalistas e, daquele momento em diante, os ingleses montaram um intrincado sistema de censura oficial e também não oficial, negando informações à imprensa. (KNIGHTLEY, 1978, p.20-22)

A imprensa de trincheira teve papel destacado também na guerra civil dos Estados Unidos, entre 1861 e 1865. Porém, as questões éticas estavam longe de ser aceitáveis. Havia notícias fabricadas, fatos irreais e até mesmo propinas para promover oficiais em notícias dos jornais.

Com o telégrafo, na Guerra Franco-Prussiana, o jornalismo ganhou mais velocidade. Dessa época se destaca Archibald Forbes, ex-militar que virou correspondente e elevou a função ao buscar trabalhar com maior responsabilidade e critérios éticos (KNIGHTLEY, 1978, p.28-35).

De 1865 a 1914, aconteceram várias guerras regionais, e sempre havia um correspondente para cobri-las. Os jornais viviam sua era de ouro, vendendo milhões de cópias todos os dias. O rádio só se popularizaria na segunda metade da década de 20. O nome do jornalista chamava mais atenção que o do jornal, até por conta do fator credibilidade da pessoa. Um dos destaques quanto à ética foi o italiano Luigi Barzini, que, para não perder a reputação, não aceitava condecorações de autoridades estrangeiras. Forbes também tinha credibilidade.

A imprensa exercia um grande papel na vida social, ao ponto de fazer com que guerras eclodissem, como por exemplo, a guerra Hispano-Americana, quando um acidente com um navio no porto de Havana foi transformado em um incidente internacional e fez com que os Estados Unidos declarassem guerra em apoio aos cubanos, que mais tarde sofreram intervenção dos Estados Unidos... (KNIGHTLEY, 1978, p.73-76).

Já na I Guerra Mundial (1914-1918), a censura foi ainda maior, afinal, havia o problema dos exageros da imprensa. Todos os

países envolvidos tinham seu modo de trabalho. Nos Aliados, as verdades eram poucas, oficiais foram poupadados de críticas e carnificinas e massacres eram transformadas em vitórias em nome da liberdade humana em textos elogiosos<sup>4</sup> (KNIGHTLEY, 1978, p.133-38).

Insultos aos adversários eram comuns, e os alemães eram retratados como bárbaros e inferiores. O jornalismo era usado para fazer os lados se odiarem ainda mais, e isso era uma diretriz oficial. A imprensa era a arma de guerra para o ódio e a desumanização. As igrejas se prestavam ao mesmo papel, afinal, Deus estava do lado de quem fosse vencer.

Para tentar fazer a imprensa ser controlada, os franceses mandaram assessores de imprensa para abastecer os jornais. Os alemães fizeram o mesmo. Seis censores e 15 departamentos cuidavam para os informes saírem sem erros estratégicos de informação. Em pouco tempo, tinham o Kriegspresseant, um departamento de imprensa subordinado ao Estado-Maior alemão. Era uma imprensa oficial. Ainda assim, alguém sempre conseguia driblar o que não podia sair (KNIGHTLEY, 1978, p.140-147).

Como as notícias não estavam agradando o público, em 1915 a censura foi reduzindo, e correspondentes foram permitidos, desde que acompanhados por um oficial. Os jornais chegaram a falar em greve para abrandar o que devia ser publicado ou não. Deu certo por um tempo, mas depois os jornais foram levados a abraçar as causas nacionais e terem um lado bem definido.

Boatos, mentiras e omissões de informações marcaram a I Guerra Mundial em todos os fronts. A mesma estratégia seria usada

---

após a I Guerra, dessa vez contra outro inimigo: o comunismo. Isso porque, depois que acabou a Primeira Guerra, 16 países mandaram soldados para combater os bolcheviques, chegando a ocorrer um cerco a Moscou.<sup>5</sup> O The Times, inglês, 35 anos depois, reconheceu que faltou com a verdade e admitiu que a ideia de operários tomarem o poder assustava e era muito estranha para a época. O resultado foi um comunismo fechado para o Ocidente e uma imprensa contrária a valores derivados do comunismo ainda hoje (KNIGHTLEY, 1978, p.176).

O mesmo papel parcial da imprensa se deu na invasão da Itália à Etiópia, vendida nas manchetes como a incursão libertadora de um povo mais avançado em relação a outro inferior culturalmente. Na Guerra Civil espanhola, se deu o mesmo, porém havia a imprensa fascista e a imprensa comunista, e entre elas um centro mais para direita ou esquerda (KNIGHTLEY, 1978, p.242-43).

Quando veio a II Guerra, os meios de comunicação existentes eram rádio, impressos, cinema, televisão (de forma restrita) e cinema. Mais do que em outros conflitos, os jornalistas precisariam tomar partido e usar suas habilidades como arma ideológica, uma vez que se transformaram em combatentes também.

Os alemães saíram na frente e montaram a Propaganda Kompanien<sup>6</sup> ou simplesmente PK, sob o comando do general Hasso Von Wedel. Os jornalistas recebiam treinamento militar para combate e estudavam técnicas de propaganda e guerra psicológica. Não à toa, até o final da guerra, os PKs sofreram 30% de baixas em suas fileiras, um percentual quase idêntico ao da Infantaria (KNIGHTLEY, 1978, p.280-82).

Havia equipamentos modernos para a época, e, sempre que a frente avançava, cabia à PK dominar as rádios e jornais locais para veiculação de propaganda ou noticiário favorável à Alemanha ou desmoralizante aos defensores. A grande quantidade de fotos, imagens e escritos do lado alemão hoje em dia é fruto do trabalho dos PKs.

Do lado Aliado, a censura se mantinha ferrenha e, nos primeiros dias de guerra, as informações eram poucas. A reviravolta veio após a Batalha de Londres, quando a imprensa transformou o feito em uma vitória sem precedentes, e os dirigentes britânicos entenderam que precisavam dos meios de comunicação para alertar, acalmar e incentivar a população quanto à guerra. Porém, certas informações não poderiam ser divulgadas, como baixas e erros estratégicos. Os jornais aceitaram (KNIGHTLEY, 1978, p.276-79).

No governo comunista, após a queda do pacto com os nazistas, a imprensa também ganhou espaço de destaque, porém, cabia ao Estado autorizar o que podia ou não ser publicado. Não sairia nos jornais, por exemplo, que havia 800 mil russos no Exército Alemão pelos mais diversos motivos, que havia deportações de contrários ao governo para a Sibéria ou que milhares de ucranianos estavam sendo alistados compulsoriamente para a linha de frente vermelha (KNIGHTLEY, 1978, p.308-12).

Nos Estados Unidos, não era somente a censura em tempo de conflito que gerava distorções de informações. As omissões propositais também faziam parte do esforço de guerra. Não era noticiado, por exemplo, o fornecimento de petróleo ao Japão antes da guerra e como eles ganhavam dinheiro com as invasões japonesas no Pacífico ou com os

embates de japoneses contra russos. Muito menos citavam as tensões entre os dois países, que poderiam muito bem sugerir o conflito eminente (KNIGHTLEY, 1978, p.342-47).

O Departamento de Guerra dos americanos criou os Regulamentos para correspondentes acompanhando o Exército dos Estados Unidos em campo (que seria usado pelos correspondentes em seguida). Assim, estabeleciam regras para quem quisesse cobrir as batalhas, e a pessoa aceitava ou não ia, simples assim.

No Japão, quem cuidava da censura era uma Junta formada com representantes do Exército, Marinha, Ministério do Interior e Ministério dos Transportes. Os jornalistas sabiam e aceitavam o fato de que seriam produtores de conteúdo para o esforço de guerra japonês e se reuniam na Junta de Informações e na Associação de Críticos Patrióticos. As agências principais eram a Domei e a Rádio Tóquio. Todos os jornais foram declarados de utilidade pública. (KNIGHTLEY, 1978, p.368-76)

## **Os regulamentos da guerra**

Quem assinou pelo Departamento de Guerra dos Estados Unidos foi secretário de Guerra, George C. Marshall. Eram considerados correspondentes todos aqueles que tivessem como “tarefa a indubitável função pública de disseminar notícias sobre as operações do Exército na guerra” (WAR DEPARTMENT, 1942. p.1 in COSTA, 2015, p.4).

Encaixavam-se nessa leva os jornalistas, ilustradores, comentaristas de rádio, fotógrafos, desenhistas e outras funções da imprensa, desde que credenciados pelo De-

partamento de Guerra para um “teatro de operações ou base de comando”, dentro ou fora dos Estados Unidos em tempo de guerra (WAR DEPARTMENT, 1942. p.1 in COSTA, 2015, p.4).

Em caso de transgressões, a lei militar dos Estados Unidos era a balizadora das punições. Da mesma forma, os correspondentes deveriam ser tratados pelos inimigos conforme a Convenção de Genebra de 1929. Deveriam ainda gozar dos mesmos direitos dos soldados e obter acomodações, transporte, atendimento médico e facilitação para o envio de mensagens, tudo pago pelo Governo (WAR DEPARTMENT, 1942. p.4 in COSTA, 2015, p.4).

Estavam livres para conversar com qualquer pessoa da tropa, desde que suas perguntas não comprometessem a integridade do front. Quem definia quem iria ou não para a cobertura era o Departamento de Guerra. No caso do Brasil, foi o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, que dificultou o máximo possível o trabalho da imprensa. Quanto à censura de campo, a função desta era corrigir se o texto não estava fornecendo algum tipo de informação ao inimigo, se continha algum tipo de injúria contra a moral de pessoas, forças ou aliados e se não era embarciosa aos Estados Unidos, seus aliados ou países neutros (WAR DEPARTMENT, 1942. p.6 in COSTA, 2015, p.5).

Nesse ponto, o material escrito era mais rigorosamente fiscalizado, enquanto o mediado por rádio ou via cabos sofria análise posterior. Os jornalistas tinham que ter cuidado para não identificar nomes de zonas de combate,<sup>7</sup> e, quando anunciadas, nunca deveriam fazer menção ao país em que se desenrolava.<sup>8</sup> Nomes de pessoas podiam ser pronunciados

---

desde que liberados, e os de oficiais não poderiam ser divulgados, exceto se autorizados pelo comando (WAR DEPARTMENT, 1942. p.7 in COSTA, 2015, p.5).

Cidades e vilas somente poderiam ser pronunciadas se fossem imprescindíveis para o desenrolar do texto que contava a história. No caso das bases militares, nem sua descrição era permitida. Os movimentos de tropas, reais ou possíveis, somente poderiam ser divulgados se tivessem saído antes em boletins oficiais. Qualquer plano, possível ou não, estava proibido de ser publicado, bem como o número de tropas ou o efeito das armas inimigas junto aos aliados. O que fosse publicado em países neutros também deveria passar pela censura (WAR DEPARTMENT, 1942. p.7 in COSTA, 2015, p.6).

Havia proibição de contar histórias exageradas, mortes coletivas e atos de heroísmo, que só eram liberadas após autorização do Departamento de Guerra e 24h depois de já terem acontecido (WAR DEPARTMENT, 1942. p.8 in COSTA, 2015, p.6). As fotos eram reveladas em um laboratório próprio, dentro do comando do campo. O serviço de Inteligência acompanhava de perto todo o processo (WAR DEPARTMENT, 1942. p.8-9 in COSTA, 2015, p.7). Depois de tudo certo, o correspondente podia usar os meios de envio regulares da época (telefone, telégrafo, carta etc.), desde que esses meios não estivessem sendo usados pelas forças combatentes.

Quem não quisesse ou não pudesse estar direto no front podia ser credenciado apenas para uma visita, em que estaria acompanhado(a) de um oficial, não contando com as mesmas facilidades de envio de

quem estava na guerra como correspondente contínuo (WAR DEPARTMENT, 1942. p.10 in COSTA, 2015, p.6).

Em abril de 1942, com o objetivo de facilitar a identificação dos correspondentes credenciados, o governo estadunidense inseriu na vestimenta dos comunicadores um bracelete de tecido verde com uma grande letra “C” de cor branca para ser usada no braço esquerdo. Os fotógrafos deveriam ter esse mesmo adereço, porém com a letra “P” ao invés de “C” (WAR DEPARTMENT, 1942. p.13 in COSTA, 2015, p.6).

### **Os correspondentes brasileiros vão para a guerra**

A FEB tinha a previsão de um setor de imprensa (ter jornalistas junto à tropa), porém o DIP<sup>9</sup> era o principal problema, pois, censurava de forma contínua os jornais. Logo, em 1944, quando de fato houve a possibilidade de mandar correspondentes para a Europa, o DIP cortou a responsabilidade do Departamento de Guerra dos Estados Unidos, e coube ao órgão escolher quem poderia ir e quem não poderia. Carlos Lacerda, que mais tarde seria figura fundamental nos eventos que levaram ao suicídio de Getúlio Vargas na década de 1950, foi cortado, uma vez que vinha batendo no governo (XAVIER DA SILVEIRA, 1989, p.125).

Rubem Braga (1996, p.8) é mais crítico e direto. Ele atribui a má vontade do Governo em liberar o credenciamento dos jornalistas, primeiro porque era uma ditadura que “só com grande constrangimento acedera em guerrear o fascismo e o nazismo” e segundo porque “havia a censura política”, ou

---

seja, todos os que escreviam ou publicavam algo desfavorável ao regime Vargas eram vistos como potenciais inimigos desse mesmo regime.

Xavier da Silveira (1989, p.125) atribui a escolha de quem iria ou não a fatores “evidentemente políticos”. No fim, estavam autorizados a acompanhar a FEB com a missão de produção de conteúdo jornalístico: Rubem Braga (Diário Carioca); Rui Brandão (Correio da Manhã); Joel Silveira (Diários Associados) e Egídio Squeff (O Globo). O Governo mandou outros representantes, no papel de assessores: Thassilo Mitke<sup>10</sup> (fotos) e Fernando Stamato. Juntar-se-iam a eles já na Itália, Alan Fisher, Frank Norall, Henry Bagley e Francis Hallawell. Como visitantes, passaram Carlos Alberto Dunshee de Abranches (Jornal do Brasil) e Silvia Bittencourt (esposa do dono do diretor do Correio da Manhã), que escrevia sob o pseudônimo de “Majoy”.

Joel Silveira (2005) cita nomes de pessoas que, segundo ele, não queriam saber de imprensa no front brasileiro: Eurico Gaspar Dutra (ministro da Guerra) e Lourival Fon tes, que era o chefe do DIP.

Roberto Marinho e Herbert Moses, diretores de O Globo; Assis Chateubriand e Austregésilo de Athayde, dos Diários Associados; Paulo Bittencourt, do Correio da Manhã; e Horácio de Carvalho, do Diário Carioca,

seriam, na visão de Silveira (2005, p.16), os responsáveis por pressionar o DIP a liberar a ida dos correspondentes, sob a pena de não publicar nada dos releases que o departamento enviasse, noticiando apenas o que

as agências internacionais lhes mandassem. Os donos de jornais venceram a disputa.

Já na Itália, no começo, os correspondentes brasileiros tiveram de vencer barreiras de relacionamento para poderem trabalhar, pois, conforme Joel Silveira (2005, p.17), houve uma “frieza e mesmo desconfiança (que nunca chegou a uma declarada hostilidade) do próprio Comando da FEB”. Silveira (2005) descreve essa relação como o terceiro inimigo, já que havia o inimigo real, que eram os alemães, o DIP e a censura, que eram o segundo, e essa falta de confiança do Comando, que era o terceiro.

Silveira (2005, p.17) conta que eles foram recebidos como intrusos quando chegaram ao Quartel-General Avançado de Porreta Terme, e que os líderes se esquivavam deles e evitavam fornecer qualquer informação. Quando eram obrigados, o faziam de forma “reticente”, “como quem não quer puxar conversa”. Esse tipo de comportamento é atribuído por Silveira (2005) ao fato de os veículos de comunicação que eles representavam serem contrários aos procedimentos do DIP e do Governo.

Essa censura velada quanto a prestar ou deixar de prestar informações só foi vencida, segundo Silveira (2005, p.17), após o Comando perceber que eles não estavam ali para falar de política e sim para cobrir a atuação dos soldados da FEB. Já no começo de janeiro de 1945, as inimizades haviam sido amenizadas, após um encontro dos correspondentes com o chefe geral da FEB, general Mascarenhas de Moraes, quando comeram e beberam juntos.

---

Daquele dia em diante, o general Mascarenhas passou a nos tratar como amigos, e muitas vezes ele próprio quem nos convocava para falar das coisas que devíamos saber. (SILVEIRA, 2005, p.17)

Braga (1996, p.13) afirma que os correspondentes brasileiros não tinham as mesmas facilidades de informações e de transporte que eram dadas aos jornalistas dos outros países e que a metodologia de censura do DIP e do Exército dificultavam o envio de notícias. Mesmo assim, Braga (1996) concluiu que podia ser pior, pois, na visão dele, havia uma “estupidez mesquinha dos feitores da imprensa sob o Estado Novo” (BRAGA, 1996, p.13).

O quartel-general dos jornalistas era em Pistoia, mas sempre que podiam, depois de superada a desconfiança do Exército, embarcavam para alguma parte do front e sem a companhia de algum oficial, o que, em tese, era obrigatório. O mesmo faziam correspondentes estrangeiros credenciados junto às tropas brasileiras (Mitke e Silveira, 1985, p.218).

Depois da amizade estabelecida entre correspondentes e comandantes, nas palavras de Silveira (2005, p.18), “tão juntos nos encontrávamos todos [jornalistas e soldados]” que não havia “qualquer mal-entendido entre um correspondente e um oficial combatente ou mesmo um Pracinha”. A afirmação se encontra amparada, pois, no momento da rendição de 15 mil alemães cercados pelos brasileiros, Rubem Braga está na foto oficial da apresentação do Estado-Maior Alemão, atrás dos oficiais do Exército inimigo. Joel Silveira também.

## ***O perfil dos jornalistas que cobriram a FEB***

*Alan Fisher*



Figura 2 – Allan Fisher  
Fonte: Arquivo Nacional

Alan Fisher nasceu em New York, a capital do Estado, em 1913. Pensava em ser engenheiro químico e mudou de ideia depois que arrumou um bico no New York World Telegrams como fotógrafo freelancer.<sup>11</sup>

Quando a guerra estourou, estava trabalhando havia oito anos na cobertura de esportes de um jornal local. Em princípio, o chamaram para tocar um jornal militar do Exército (1942). Como ganharia mais, aceitou. Era um exímio fotógrafo, tanto em preto e branco como em colorido, que era uma novidade na época. A convite de Alexander Murphy, da American Press – AP, foi indicado para coordenador de

assuntos interamericanos (não oficial), Nelson Rockefeller<sup>12</sup> para uma série de reportagens pela América do Sul pela revista *Em Guarda*. Foi assim que veio parar no Brasil, aprendeu português e espanhol e, em 1944, foi chamado com urgência de volta aos Estados Unidos para servir o Exército como correspondente. Foi enviado para a frente da Itália e, em seguida, transferido para o V Exército Americano, em que a FEB estava inserida.

Tinha 29 anos, era casado e estava habituado aos assuntos militares e às regras do Exército. Serviu junto à FEB do começo ao fim do conflito. Morreu em 1988, aposentado nos Estados Unidos.

### *Egydio Squeff*



Figura 3 – Egydio Squeff  
Fonte: Arquivo Nacional

Era gaúcho de Jaguarão, como gostava de ressaltar. Mesmo com vários anos

vivendo no Rio de Janeiro, não perdera o sotaque sulista. Nasceu em 1911. Trabalhava como jornalista desde 1934 em Porto Alegre, no *Correio do Povo*. Por conta do talento, foi convidado para trabalhar no semanário *Diretrizes*, de São Paulo e em seguida saltou direto para *O Globo*, no Rio de Janeiro.

Na Itália, foi um dos responsáveis pelo suplemento *O Globo Expedicionário*, que a direção de *O Globo* usava como sua contribuição aos esforços de guerra do Brasil.

Arguto, persistente e destemido, o “Tchê” fazia com que o Rubem Braga e eu passássemos as 24 horas do dia de olho nele, com medo de sermos “furados”. Foi um dos melhores correspondentes de guerra que estiveram na Europa, respeitado por todos. Um devorador de livros, cultura e sensibilidade excepcionais, como jornalista, crítico literário e poeta. (*O Globo*<sup>13</sup>)

Também colaborava com a Rádio Globo, recém-inaugurada em 1944. Egydio morreu no dia 22 de abril de 1973, aos 61 anos, de hemorragia no esôfago, no Rio de Janeiro. Durante a vida, sofreu de diabetes, tuberculose, cirrose, hepatite e câncer na laringe.<sup>14</sup>

### *Fernando Stamato*



Figura 4 – Fernando Stamato  
Fonte: Arquivo Nacional

Fernando Stamato trabalhava com o pai, que já era cinegrafista. Ele nasceu em 1917 e, na época da guerra, estava contratado na Agência Nacional. Era viúvo, perdeu a esposa e a filha que ela trazia no ventre. Na Itália, conheceu Rossana Bonfatti, quem trouxe com o sogro e a sogra para morar no Brasil depois da guerra. Morreu na década de 80.

### *Francis Hallawell*



Figura 5 – Francis Hallawell  
Fonte: Arquivo Nacional

Francis era filho de ingleses imigrados para Porto Alegre. Nasceu em 1912 e morreu em 2004. Frequentou círculos artísticos no Rio de Janeiro, foi educado na Inglaterra, era anglicano e tentou se voluntariar para o Exército Britânico quando a guerra começou.

A biografia de Francis foi pesquisada e publicada por Rose Esquinazi (2014), em um trabalho que merece elogios pela qualidade. Conforme Esquinazi (2014), o radia-

lista não foi aceito porque já tinha 29 anos de idade. Porém, a BBC o aceitou para fazer parte do time de locutores brasileiros que já estava trabalhando no outro lado do oceano. Foi para Londres em 1942. Lá conheceu a refugiada Julianne Maria Catherine, belga, que fugira do país ocupado pelos nazistas via Callais, França. Casaram-se e, em 1944, Francis foi chamado para a guerra. Recebeu treinamento e foi ser correspondente do Exército Britânico junto às forças brasileiras. Ganhou o apelido de “Chico da BBC” e trabalhava com um estúdio móvel de gravação, que puxava em um jipe.

Ele gravava tudo em disco e levava o conteúdo para Florença<sup>15</sup> de jipe, o que demorava em média três horas de ida e volta. Dali assumia o serviço postal do V Exército, que encaminhava para Roma e de lá para Londres. O som era melhorado e transmitido para o Brasil. Podia ainda ser feita diretamente de Roma, se o agente da BBC lá estivesse. Antes de se aposentar, Francis não quis mais saber de guerra ou jornalismo. Trabalhou como representante de uma empresa de operatrizes russas no Brasil, morou no interior paulista e viveu bem como empresário.

### *Frank Norall*



Figura 6 – Frank Norall  
Fonte: Arquivo Nacional

Frank Norall<sup>16</sup> era natural de Omaha, Nebraska, Estados Unidos. Ele nasceu em 1918 e era funcionário do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs.<sup>17</sup> Trabalhava junto com Alan Fisher para a revista *Em Guarda*. Os textos sobre a FEB para a revista costumavam ser dele.

Começou cobrindo a 34ª Divisão de Infantaria, em 1944, em Montecatini, e depois foi transferido para a FEB. Morreu em 2001, aposentado, nos Estados Unidos.

### *Henry Bagley*



Figura 7 – Henry Bagley  
Fonte: Arquivo Nacional

Henry Bagley era funcionário da Associated Press e estava na cobertura desde que o Brasil entrou na guerra em 1942. Morreu no Brasil e, quando a tropa foi para o front, não teve dificuldade em conviver com a cultura e o idioma dos pracinhas. No pós-guerra, voltou aos Estados Unidos e trabalhou como relações públicas. Não foi possível encontrar a data de morte dele.

### *Horácio Gusmão Coelho*



Figura 8 – Horácio Coelho  
Fonte: Arquivo Nacional

Horácio Gusmão Coelho Sobrinho já era um veterano da imprensa nacional quando partiu para a Itália como membro dos correspondentes oficiais do DIP, pela Agência Nacional. Era assessor do DIP. Morreu em 1963, aposentado, vítima de um ataque cardíaco fulminante. Foi o grande fotógrafo da FEB, talvez o maior entre os fotógrafos (Alan Fisher e Thassilo Mitke eram os outros dois).

### *Joel Silveira*



Figura 9 – Joel Silveira  
Fonte: Arquivo Nacional

---

Joel Magno Ribeiro Silveira, ou simplesmente Joel Silveira, nasceu em 1918 na cidade de Lagarto, Sergipe. Trabalhava desde os 14 anos com imprensa, primeiro no gabinete do governador do Estado e depois no jornal *A Noite*, colaborando com as revistas *Vamos Ler* e *Carioca*. Teve passagens pelo semanário literário *Dom Casmurro* e pela revista *Diretrizes*, de propriedade de Samuel Wainer, onde trabalhou até a metade de 1944.<sup>18</sup>

Joel tinha uma tendência mais à esquerda e poupou o comunismo de críticas. Fez o mesmo com a Alemanha, quando da aliança entre Stálin e Hitler. Depois que o pacto foi dissolvido, os nazistas passaram a ser criticados.

Essa foi a justificativa apresentada por Silveira para sua participação num periódico de orientação nazista. Esse momento da vida do jornalista foi lembrado com muito incômodo num de seus livros de memória. (FERRARI, 2012, p.30)

O DIP cuidava de seus textos, e ele era monitorado pelo Estado, um pouco por sua orientação ideológica (os comunistas e pessoas de esquerda não eram bem vistos pelo Estado Novo). Quando saiu de *Diretrizes*, Joel foi para os Diários Associados. Foi assim que foi parar na FEB. Nos pós-guerra, o jornalista também teve passagens pelo *Última Hora*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Manchete*, *Diário de Notícias*, *Revista*

*da Semana*, *Mundo Ilustrado* e foi conselheiro editorial da *Revista Nacional*.

Com os militares no poder, foi preso acusado de subversão nos textos que escrevia,<sup>19</sup> duas vezes no governo Castelo Branco (1964-67) e três na gestão de Garrastazu Médici (1969-1974).

As perguntas eram sempre as mesmas, uma coisa idiota: “Você é comunista?”. Eu dizia: Eu não sou comunista, não pertenço ao Partido Comunista. Os senhores estão cansados de saber que eu sou é socialista, democrático. Socialismo, sim, mas com liberdade: você ter direito de dizer o que quiser, escrever o que quiser, de pensar o que quiser. Agora, quanto a essa ditadura dos senhores, eu sou violentamente contra. Podem me prender, fazer o diabo, mas eu não vou dizer que não sou. Sou contra esse cinismo, porque não considero revolução. Os senhores deram foi um golpe. (PORTARI, 2015)

Sua condição de ex-correspondente da FEB fez com que recebesse um tratamento melhor no cárcere e, mesmo com as privações, havia oficiais que o deixavam trabalhar em obras de tradução ou em livros. Alguns o conheciam da FEB e por isso o respeitavam (CONY, 2007).

Joel morreu em 2007, de causas naturais, na casa onde morava. Somava 60 anos de carreira, mais de 40 livros publicados e deixou três filhos e a esposa Iracema, que também morreria três anos depois. O corpo de Joel foi cremado no Cemitério do Caju, no Rio de Janeiro.

## Raul Brandão



Figura 10 – Raul Brandão  
Fonte: Arquivo Nacional

Raul de Castro Brandão nasceu em 1891 e faleceu 1965. Assinava seus artigos junto à FEB como O Veterano, e o motivo era simples: fora correspondente brasileiro na Primeira e na II Guerra. Ele sempre trabalhou no Correio da Manhã, que, de 1901 até 1974, foi um dos principais periódicos do país. Começou aos 17 anos e, no jornal, passou o primeiro ano da I Guerra, de 1914 a 1915, na Holanda, país que estava neutro no conflito. Dali pode se deslocar para o norte da França, para a Bélgica, para a Alemanha e para o Império Austro-Húngaro. Teve boas impressões com o Exército Alemão, a quem atribuiu que poderia vencer a guerra. Errou na previsão, mas, como no começo os alemães estavam na frente, foi um recorte apenas. Com o Brasil ao lado dos Aliados na I Guerra, o jornal não publicou mais notícias positivas aos alemães (QUEIROZ, 2013, p.76-89).

Quando estourou a II Guerra, o jornal se antecipou e fez críticas aos alemães desde 1939, quando o Brasil nem estava lutando. Brandão foi no lugar de Carlos Lacerda,<sup>20</sup> rejeitado pelo DIP por suas antigas posições comunistas e porque era um dos poucos críticos do Governo Vargas.<sup>21</sup> Com a queda de Vargas se aproximando, o jornal começou a atacar o presidente e seus aliados. Na Itália, o correspondente não foi perseguido, até porque parte dos oficiais da FEB era contrária ao Varguismo.

Já no final do conflito, no último dia de luta, quando se dirigia para acompanhar a rendição dos alemães, Raul encontrou uma coluna tedesca que não sabia do fim da guerra, e soldados atiraram contra o jipe em que estavam ele, Rubem Braga e um sargento. O jipe saiu da estrada. O sargento cortou a testa, Rubem machucou o dedo e Raul quebrou a bacia e a perna. A coluna alemã seguiu viagem. Eles se esconderam em uma casa até que chegasse ajuda (BRAGA, 1996, p.269).

Rubem voltou em tempo de acompanhar o segundo dia de rendição. O sargento foi tratado e teve alta. Já Brandão ficou internado um bom tempo até voltar ao Brasil. Precisou de muletas o resto da vida. Tentaram lhe dar uma medalha pelo ato, mas ele não aceitou (BRAGA, 1996, p.271). Sofreu com dores até o final da vida. Isolou-se do mundo, ficou amargurado com o trauma que sofreu. Faleceu no hospital Miguel Couto em 4 de abril de 1965, onde já estava internado.

## *Rubem Braga*



Figura 11 – Rubem Braga  
Fonte: Arquivo Nacional

Rubem Braga era natural de Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo. Nasceu em 1913. Era de família influente politicamente e economicamente na região. Aos 13 anos, já andava com homens mais velhos e acompanhava reuniões de ferroviários sobre melhorias para classe e sobre um tal comunismo, que desde 1922 estava sendo instalado em forma de partido em São Paulo. Em troca de estar presente nas reuniões, Rubem tentava ensinar alguns dos ferroviários a ler (CARVALHO, 2007, p. 45-48).

Aos 15 anos, teve uma experiência com o fascismo, por conta da figura idealizada de Benito Mussolini, mas se desencantou depois, quando começaram a aparecer as arbitrariedades do regime. Então, a admiração transformou-se em crítica ferrenha. Também era crítico ao comunismo,

pelo menos no começo (CARVALHO, 2007, p. 53-55).

Com o golpe de 1930 e a ascensão de Vargas ao poder, a família de Rubem perdeu as posses que tinham, pois eram ligados ao regime que havia sido deposto. Em 1931 ele serviu o Exército, foi dispensado e, morando em Belo Horizonte, na casa de um irmão, teve sua primeira experiência profissional no Jornalismo, no jornal *A Tarde*, um dos vários jornais da cadeia pertencente a Assis Chateaubriand.

Cobriu a Revolta Federalista de 1932 e chegou a ser apreendido por paulistas, simplesmente por trabalhar em um jornal de Minas. Foi liberado depois de desfeito o mal-entendido. Maneirou nos textos e, com escrita mais neutra, conseguia agradar os dois lados (CARVALHO, 2007, p. 100-10).

Foi bacharel em Direito, mas nunca exerceu. Escrevia sobre os vários brasis existentes e, como nem tudo agradava os anunciantes e os políticos, teve que fugir para Recife para não ser preso. Lá editava a *Folha do Povo*, da Aliança Nacional Libertadora, que era contra Vargas. Dali em diante, o associaram ao comunismo, sem nunca se haver filiado ao partido ou mesmo admitido ser comunista (CARVALHO, 2007, p. 140-43).

Do Recife fugiu para Porto Alegre-RS. O único emprego que conseguiu foi no jornal comunista *Amanhã*. Ali cobriu as brigas entre integralistas e comunistas. Já não assinava notícias para não ser preso. No RS voltou para Minas e de lá foi para o Rio de Janeiro, tendo que se esconder em

Minas mais uma vez antes de se fixar por um tempo no Rio de Janeiro e voltar para Porto Alegre, onde trabalhou no Correio do Povo e Folha da Tarde (CARVALHO, 2007, p. 173-75).

Porém, os textos não agradavam ao DIP. Diziam que ele estava organizando o Partido Comunista na capital gaúcha, e só não foi preso porque o interventor, general Cordeiro de Farias (mais tarde comandante da Artilharia da FEB), sabia que eram só boatos e lhe garantiu imunidade, desde que não deixasse o Rio Grande do Sul.

Em 1940, escrevia para o Estado de São Paulo, sob intervenção federal de Adhemar de Barros. Não assinava no Suplemento. Também era redator freelancer para a “Agência de Propaganda e Notícias Inter-American”. Depois foi destacado para trabalhar no Serviço Especial de Saúde. Em 1943, Rubem voltou para o Rio de Janeiro, onde foi contratado pelo Diário Carioca. Dali foi para a II Guerra Mundial, já em 1944.

Depois da guerra, voltou ao Rio de Janeiro, se envolveu em política partidária contra Vargas e depois com os comunistas de Cachoeiro e de São Paulo. Tentou abrir uma agência de notícias, mas o negócio falhou. Voltou para o Rio de Janeiro, trabalhou para o jornal A Manhã, do barão de Itararé. Passou pelo Diário de Notícias, O Globo, Correio da Manhã, Comício, Manchete, trabalhou na Embaixada do Brasil no Chile, na revista Senhor, foi embaixador do Brasil no Marrocos, voltou para a Manchete e por último foi funcionário da

Rede Globo de Televisão.

No tempo em que os militares governaram, mesmo com suspeita de comunismo e subversão, foi preservado por conta do respeito do pessoal do Exército pelo trabalho do jornalista junto à FEB. Fugiu várias vezes para não ser preso. Nessas sumidas que dava, havia boatos de que ele estava colaborando com guerrilheiros, o que não era verdade. Estava só escondido mesmo. Morreu em dezembro de 1990 de um câncer que o acometera.

### *Thassilo Mitke*



Figura 12 – Thassilo Mitke

Fonte: Arquivo Nacional

Thassilo Augusto de Campos Mitke ou simplesmente Thassilo Mitke nasceu em São Paulo em 1923. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e, com 19 anos, foi trabalhar como secretário-geral do jornal O Dia, já na Capital Federal, Rio de Janeiro. O ano era 1942.

Um ano depois, estava na Agência

---

Nacional e, aos 21, anos estava partindo para a Itália. Era fotógrafo e redator, algo corriqueiro nos dias atuais, mas inédito na época. Depois da guerra, continuou trabalhando para o Estado até a década de 60. Passou pelo “Repórter Esso” e pelos os jornais O Dia e A Notícia. Ficou no jornal O Dia até 1987. Saiu de lá para o cargo de diretor-editor de Última Hora.

Foi assessor de imprensa no Estado do Rio de Janeiro na década de 90, no período de reabertura política. Foi da assessoria do Metrô do Rio de Janeiro e, em 2007, estava assessor de imprensa da Assembleia Legislativa do Rio, no Gabinete da Deputada Sheila Gama. Faleceu aposentado em 2014, de causas naturais.

## Considerações finais

Uma vez apresentados os correspondentes brasileiros da FEB, é possível concluir por suas biografias que não foram mandados jovens inexperientes para acompanhar a guerra na Europa. Pelo contrário, os jornalistas autorizados eram os melhores em seus veículos de comunicação. Da mesma forma, é possível dizer que o DIP abrandou suas próprias regras ao permitir que embarcassem os críticos do Governo e mesmo aqueles com maior proximidade ideológica com o que hoje se considera chamar de esquerda, como Egydio Squeff, Raul Brandão, Joel Silveira e Rubem Braga, para o conflito. Não foram tornados públicos até o presente momento documentos que embasem esse afrouxamento

na escolha de quem seguiria com a FEB.

O que se sabe, pelos escritos de Joel Silveira e Rubem Braga, é que houve uma reunião do Conselho de Imprensa em que os donos de jornais ameaçaram não publicar nada da FEB se o governo não deixasse que eles enviassem seus próprios correspondentes.

Também é possível dizer que os Estados Unidos estavam preocupados em tratar e retratar bem a participação dos brasileiros na II Guerra, uma vez que disponibilizou bons jornalistas, experientes em assuntos e mesmo em técnicas militares, para que fizessem o possível para mostrar os pracinhas ao mundo e principalmente no front interno. A política de boa vizinhança foi praticada com êxito. O mesmo se pode dizer dos britânicos, que disponibilizaram o Chico da BBC para cobrir a FEB e manter os bons serviços da emissora no Brasil.

Quanto à forma de trabalho, após um período de desconfiança, pode-se dizer que os jornalistas gozaram de certa autonomia para circular no front, desde que avisassem o major Souza Júnior, responsável pela parte de Imprensa no Serviço Especial da FEB.

Na parte da censura, dados coletados para esse artigo sugerem que os trechos cortados eram simplesmente reescritos e publicados, que os jornalistas entraram no jogo e se adaptaram à forma de trabalho na linha de frente. Se um texto ou outro não saísse, era problema no Brasil, porque o DIP impedia, uma vez que na Itália

---

a censura era menos rigorosa do que em território nacional.

No relacionamento entre os jornalistas, exceto pela competição natural de dar a notícia primeiro e de conseguir informações exclusivas, pode-se dizer que o convívio era pacífico e de camaradagem. Não foram encontrados relatos de desentendimentos entre qualquer um dos participantes da campanha, nem entre os de países diferentes.

Quanto às aspirações ideológicas, exceção por Rubem Braga e Joel Silveira, que tiveram maior contato com ideais comunistas, os demais ou trabalhavam para órgãos do Governo, ou eram contrários a Vargas (Egydio e Raul).<sup>22</sup> Mesmo assim, todos mantinham a linha e não exteriorizavam suas posições de maneira direta, ainda que existam textos de Rubem Braga que dão a entender conceitos mais à esquerda. A censura deixou passar ou não entendeu.

Não que não houvesse um cunho não oficialista nos textos. Havia, e abertamente os jornalistas escreviam sobre o soldado simples ao invés do “bravo oficial”, e sem exageros, pois, os pracinhas preferiam os textos sem grandes rodeios, com a informação como se deu. Era o estilo que Ernie Pyle vinha adotando na imprensa de guerra dos Estados Unidos e que agradava os brasileiros também.

Desse ponto de vista, era um avanço não ter que ficar glorificando os feitos dos oficiais e sim dando destaque aos homens simples que compunham a FEB. No Brasil, a situação antes da guerra poderia ser vista com certo desconforto por elites militares que existissem nos quartéis. Do mes-

mo jeito que mudou o relacionamento dos soldados com os oficiais, tornando-os mais próximos e informais, a imprensa foi pelo mesmo caminho.

O envio dos jornalistas para a Itália fortaleceu o front interno e o moral dos combatentes. Foi uma experiência jornalística diferenciada, em que os jornais foram usados como arma de combate e persuasão, com uma imprensa mais livre na guerra dos Apenninos do que no próprio Brasil. Dos jornalistas que participaram, Joel Silveira, Rubem Braga e Thassilo Mitke escreveram suas memórias e organizaram suas crônicas, de modo que muito do que se lê hoje sobre a FEB e que não foram memórias de oficiais e soldados vem deles, civis, sem treinamento militar, enviados para a guerra.

Não seria correto dizer que eles conviveram com os soldados todos os dias, afinal, não lhes foi permitido; porém, estiveram em períodos prolongados e, nos ataques mais encarniçados, estavam juntos ou ao lado do Comando nos postos de observação. Jornalista não é infante, logo não seria justo exigir que estivessem ombro a ombro com os pracinhas. Mesmo assim, em Montese eles entraram no segundo dia de batalha e ficaram até que a cidade fosse consolidada, aguentando bombardeiros e tiroteios nas ruas do município.

No entanto, cumpriram de forma honrada seu papel naquele conflito, fortalecendo quem estava em casa e quem combatia, levando palavras de conforto (Rubem e Joel colocavam recados dos pracinhas nas notícias; O Globo tinha uma seção de recados do front), exortando a nação a apoiar a guerra e mostrando os fatos que cobrissem de glória o

---

cidadão brasileiro transformado em soldado naqueles dias de 1944-45, quando o Jornalismo era a arma para derrubar o nazifascismo

e a Ditadura de Vargas também no front interno. Foram notas de uma guerra na Itália, dos jornalistas no front da FEB. **[REB]**

## Referências

BLAINY, Geoffrey. **Uma Breve História do Mundo.** Rio de Janeiro: Fundamento, 2008.

BRAGA, Rubem. **Crônicas da guerra na Itália.** 3 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; Record, 1996.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Estado Novo: novas histórias.** In Marcos César Freitas (org). Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho.** 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARVALHO, Marco Antonio de. **Um cíngulo fazendeiro do ar.** Rio de Janeiro: Globo, 2007.

Cony, Carlos Heitor. **Um pouco do Joel.** Folha de São Paulo, p. 2, 16 ago. 2007.

COSTA, Helton. **II Guerra: censura e regulamentos para correspondentes da FEB (1944-45).** Artigo apresentado no XVIII Seminário de Inverno da Universidade Estadual de Ponta Grossa, realizado entre 15 e 19 de junho de 2015. Ponta Grossa, PR.

COSTA, Helton. **Jornalismo de mentirinha: licença poética e realidade em “Estrada 47”.** Artigo apresentado no XIII Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo, realizado entre 19 e 20 de outubro de 2015. Ponta Grossa, PR.

ESQUENAZI, Rose. **O rádio na Segunda Guerra: no ar, Francis Hallawell, o Chico da BBC.** Florianópolis: Insular, 2014.

FERRARI, Danilo Wenseslau. **A atuação de Joel Silveira na Imprensa Carioca (1937-1944).** São Paulo, Cultura Acadêmica, 2012.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos.** O breve século XX - 1914, 1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

KNIGHTLEY, Phillip. **A Primeira Vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã,** trad. Sônia Coutinho, Rio, Nova Fronteira, 1978.

MITKE, Thassilo; SILVEIRA, Joel. **A luta dos pracinhas.** Rio de Janeiro: Record, 1983.

**O GLOBO. O Globo, 90 anos: as notícias de O Globo Expedicionário direto no campo de batalha.** Disponível em <[//oglobo.globo.com/brasil/o-globo-90-anos-as-noticias-de-globo-expedicionario-direto-no-front-de-batalha-16441726](http://oglobo.globo.com/brasil/o-globo-90-anos-as-noticias-de-globo-expedicionario-direto-no-front-de-batalha-16441726)>. Acesso em 07 de junho de 2018.

---

OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Juruá, 2015. p.41.

PORTARI, Douglas. **Repórter velho de guerra**. Disponível em <[//observatoriodaimprensa.com.br/marcha-do-tempo/reporter-velho-de-guerra/](http://observatoriodaimprensa.com.br/marcha-do-tempo/reporter-velho-de-guerra/)>. Acesso: 8 fev. 2018.

QUEIROZ, Tito H.S. **Um correspondente de duas guerras mundiais: Raul Brandão e o Correio da Manhã**. Revista Comum, Rio de Janeiro, v. 15, n. 34, p. 76-89 – jul./dez. 2013.

WAR DEPARTMENT. **Regulamentos para Correspondentes acompanhando o Exército dos Estados Unidos em Campo**. Disponível em <[www.ibiblio.org/hyperwar/USA/ref/WM/PDFs/FM30-26.PDF](http://www.ibiblio.org/hyperwar/USA/ref/WM/PDFs/FM30-26.PDF)>. Acesso em 25 de fevereiro de 2015.

SILVEIRA, Joel. **O inverno da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **Segunda Guerra Mundial: todos erraram, inclusive a FEB**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

VERGARA, Anelize. Rubem Braga: Crônica e censura no Estado Novo (1938- 1939). Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestra em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade). Assis, SP. 2014.

XAVIER DA SILVEIRA, Joaquim. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

---

<sup>1</sup> Há dados que estimam entre 50 milhões e 85 milhões o número de mortos.

<sup>2</sup> Disponível em <[www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0124.asp](http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0124.asp)>. Acesso em 02 de maio de 2016.

<sup>3</sup> KNIGHTLEY, Phillip. **A Primeira Vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã**, trad. Sônia Coutinho, Rio, Nova Fronteira, 1978.

<sup>4</sup> Um parêntese deve ser feito nesse ponto quanto às questões de ética ou falta dela, no que vem sendo lido até aqui. Isso porque as discussões quanto às questões éticas do jornalismo nasceram da crescente complexidade social e mediação da realidade exercida pelos meios de comunicação no final do século XIX. Em 1893, por exemplo, se reuniram em Chicago (EUA) jornalistas de várias partes do mundo para tratar de temas como a imprensa e a moral pública e a imprensa como defensora dos Direitos Humanos. Na Suécia, em 1896, os jornalistas já haviam estabelecido um compromisso moral em torno da profissão, o que culminou, em 1900, na necessidade de sistematizar essas discussões em um código. Porém, o primeiro Código seria o francês, em 1918, mas também há relatos de um Código de Ética em 1910, no Kansas (EUA). Hoje mais de 100 países de todo o mundo têm seu próprio código.

<sup>5</sup> Chegaram a 700km da cidade, cortando suas comunicações.

<sup>6</sup> Companhia de Propaganda.

<sup>7</sup> Deveriam ser informadas apenas pelos órgãos oficiais.

- 
- <sup>8</sup> Exceto se divulgado por órgão oficial.
- <sup>9</sup> Departamento de Imprensa e Propaganda.
- <sup>10</sup> Chegou à Itália já no último contingente enviado.
- <sup>11</sup> Não fixo.
- <sup>12</sup> Milionário americano.
- <sup>13</sup> Disponível em <[//oglobo.globo.com/brasil/o-globo-90-anos-as-noticias-de-globo-expedicionario-direto-no-front-de-batalha-16441726](http://oglobo.globo.com/brasil/o-globo-90-anos-as-noticias-de-globo-expedicionario-direto-no-front-de-batalha-16441726)>. Acesso em 07 de junho de 2018.
- <sup>14</sup> Foi publicado em 973 na Revista Veja: Revista Veja, 2 de maio de 1973, Edição n. 243, p. 13.
- <sup>15</sup> Firenze, Itália.
- <sup>16</sup> Norall ou Noral, porque há escrito dos dois jeitos, tanto em artigos em Português, quanto em Inglês. Na revista Em Guarda, está com dois, “Norall”; optamos por deixar assim.
- <sup>17</sup> Escritório de Coordenação para Assuntos Interamericanos, ligado ao Departamento de Segurança Nacional dos EUA, sendo subordinado ao Conselho de Defesa Nacional. Fazia parte do esforço de guerra para enfraquecer o Eixo e fortalecer a posição dos estadunidenses nas Américas.
- <sup>18</sup> FERRARI, Danilo Wenseslau. A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. O trabalho de Danilo ajudou a montar o quebra-cabeças que foi contar sobre a vida de Joel Silveira, antes, durante e depois da Guerra.
- <sup>19</sup> Disponível em <[//tribunadainternet.com.br/ha-45-anos-a-ditadura-militar-baixava-o-ai-5/](http://tribunadainternet.com.br/ha-45-anos-a-ditadura-militar-baixava-o-ai-5/)>. Acesso: 8 fev. 2018.
- <sup>20</sup> Mais tarde seria figura chave para pressionar o Governo Vargas no mandato de 1952, usando a mídia para atacar o Governo.
- <sup>21</sup> Edmar Morel dos Diários Associados também foi vetado por motivos semelhantes, segundo Tito Queiroz.
- <sup>22</sup> Depois da guerra, tiveram posicionamentos mais à esquerda [como definidas nos dias atuais]. O mesmo vale para Horácio Coelho. Na época da guerra, eram vistos com desconfiança, mas não demonstravam suas aspirações tão abertamente, talvez por medo de perseguição ou autopreservação diante do Estado Novo.